

Amazônia, Representação E Mídia

The Amazon, Representation And Media

Nelson Rego*

Doutorado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: contato-nr@outlook.com

Ricardo Martins de Freitas**

Mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor no Colégio Militar de Porto Alegre

E-mail: freitasricardo.ufrgs@gmail.com

*Endereço: Nelson Rego

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia.

Av. Bento Gonçalves, 9500 - Porto Alegre – RS. Agronomia, CEP: 90540-000 - Porto Alegre, RS, Brasil.

**Endereço: Ricardo Martins Freitas

Colégio Militar de Porto Alegre. R José Bonifácio, 363, Farroupilha, CEP: 90040-130 - Porto Alegre, RS, Brasil

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 01/11/2014. Última versão recebida em 21/11/2014. Aprovado em 22/11/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre o papel da mídia na construção do imaginário sobre a Amazônia. A ocupação efetiva da Amazônia ocorreu principalmente a partir da década de 1970, do século passado, em função do avanço da fronteira da agropecuária, do desenvolvimento das técnicas e do conhecimento científico. Nesse período, houve uma crescente presença da temática amazônica na mídia, propiciando um aumento da atenção sobre questões ambientais no cenário nacional e mundial. Cabe ressaltar que na atualidade a mídia continua representando, preponderantemente, a Amazônia com uma visão mitológica e exótica da natureza. Essa construção do imaginário amazônico é contínua e termina por influenciar na formação de visões acerca do que venha a ser a Amazônia. A temática ambiental, baseada em mitos, está inserida em quase todos os setores da mídia quando a Amazônia é enfocada, o que dificulta a visibilidade dos grupos humanos habitantes nessa imensa região.

Palavras-chave: Amazônia; Mídia; Representação; Paisagem; Mito.

ABSTRACT

This article is aimed at discussing the role of the media in the construction of the image of the Amazon. The effective occupation of the Amazon began chiefly as from the 1970s as a result of the advance of the cattle farming boundary and the development of scientific techniques and knowledge. During this period, there was a growth in the presence of Amazon-related issue in the media, fostering an increase in the attention given to environmental concerns in the national and global scenario. It is important to outline that, even today, the media continues to represent the Amazon chiefly with a vision that is mythological and exotic by nature. This construction of the Amazon's image is continuous and has an impact on the formation of views regarding what the Amazon actually is. The environmental theme, based on myths, is inserted within almost all the sectors of the media when the Amazon is in focus, which jeopardizes the visibility of human groups that inhabit this immense region.

Keywords: Amazon; Media; Representation; Landscape; Myth.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a discutir a representação que a mídia produz em relação à Amazônia, bem como os conceitos relativos à percepção e à paisagem amazônica por diversos teóricos contemporâneos.

As imagens acerca da Amazônia são extremamente complexas e contraditórias. Mais recentemente ela passou a ser, sobretudo, sinônimo de biodiversidade. Pode ser definida como “a maior reserva de biodiversidade do planeta e uma das maiores em recursos minerais” (FERREIRA & SALATI, 2005, p. 25). Por vezes, ela é lembrada pelo avanço do desmatamento ou pelas políticas de conservação, pela cultura dos povos da floresta ou pela cultura dos habitantes das cidades.

Segundo Gonçalves (2001), as imagens que os amazônidas têm a respeito da Amazônia são plurais, pois adquirem múltiplos significados socioecológico-culturais específicos do seu cotidiano. Em contrapartida, para os de fora, a imagem é mais homogênea, aparece no singular, uma extensa e densa floresta tropical de riquezas naturais incalculáveis e pouco habitadas.

Nesse sentido, diferentes atores políticos e econômicos não amazônidas (nacionais e internacionais) que se sucederam no tempo, imprimiram as suas marcas no espaço amazônico, que ficaram registradas na paisagem.

2 A AMAZÔNIA VISTA “DE FORA”

Na perspectiva de Cosgrove (1998), atores da cultura dominante, utilizando-se de vários instrumentos técnicos e científicos, procuram produzir as paisagens de acordo com a sua realidade de mundo e impor a aceitação dessa imagem como realidade de todos. Nesse caso, a cultura alternativa dos amazônidas, apesar de todo o seu patrimônio cultural, apenas marginalmente influencia o espaço amazônico.

A presença da Amazônia na mídia tem se manifestado de maneira crescente nas últimas décadas, sobretudo a partir da década de 70, período em que foram colocados os grandes projetos de desenvolvimento para essa região. Além disso, a preocupação com a questão ambiental adquiriu maior visibilidade no cenário nacional e mundial.

Nesse sentido, no período atual, considerado como técnico-científico-informacional (SANTOS, 1999), graças à instantaneidade da informação, a mídia oportunizou uma maior divulgação das representações sobre a paisagem amazônica.

Segundo Tuan (1980), o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados. A visão do mundo, quando não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos do ambiente social e físico local. Para ele, nas sociedades não tecnológicas, o ambiente físico ainda é o limite e o conteúdo para a base social e cultural, ou seja, é o meio de vida. Sendo assim, é um limitante para a visão do mundo. Ele cita, como exemplo dessa relação homem/natureza/percepção, os pigmeus Bambutina da floresta equatorial do Congo. Como um hábitat humano, a principal diferença do meio ambiente da floresta equatorial está em sua natureza completamente envolvente. Não está diferenciada em céu e terra; não há horizonte; carece de marco visual; não tem nenhuma colina importante que possa ser reconhecida; e não há árvore nitidamente isolada, como o baobá na planície do Calaari; não há vistas longínquas.

Atualmente essa visão de mundo restrita ao ambiente natural dificilmente ocorre, já que o mundo está dominado pela técnica e pela mídia. Apesar de a região amazônica estar em situação periférica, a maior parte de sua população tem acesso às informações. Conforme destaca Lévy (2001), os novos formatos de mídia ligados à conectividade propiciaram uma planetarização das populações mundiais. Essa interconexão geral propicia um maior adensamento, a distribuição das redes de transporte e de comunicação, uma retração do espaço, uma aproximação da humanidade e mais perspectivas de interação na Amazônia.

Na região amazônica, a exuberância da paisagem da floresta equatorial causa a impressão de homogeneidade, porém existe uma complexidade formada em séculos, mesmo que a visão sazonal não denote. Apesar do contato com a realidade contemporânea, nos lugares de paisagens pouco alteradas, o efeito do meio ambiente da floresta na percepção é determinante. Com efeito, Tuan observa que as “mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou sentimento afetivo por lugares que se conhece bem” (TUAN, 1980, p. 108).

A paisagem das cidades na Amazônia tem a sua configuração e vida determinadas pelo rio. Essa situação de beira-rio gera uma identidade semelhante a vários pontos, apesar das peculiaridades de cada um. Numa análise mais atenta, contudo, percebem-se as características muito próprias de cada lugar, muito diferentes de idealizações.

Na contemporaneidade, o acesso ao ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Isso se deve ao processo de urbanização e transformação da natureza. O autor também ressalta que a influência da tecnologia na vida do homem torna o

contato com o ambiente natural cada vez mais restrito e ligado principalmente a momentos recreacionais (TUAN, 1980).

Para Tuan (1980), o termo *topofilia* significa o sentimento de afeto associado a um lugar, o que, muitas vezes, pode denotar um contato mais próximo com o natural, mesmo que este seja o natural já assimilado pela produção do espaço. Para ele, faz-se necessário examinar o papel do lugar ou meio ambiente como produtor de imagens para topofilias, pois esse sentimento implica ligações emocionais. Nessa produção de imagens, é ressaltado que, apesar das imagens serem tiradas do meio ambiente, isso não significa que haja uma determinação direta do meio. Certos meios propiciam o despertar de sentimentos chamados topifílicos, porém isso ao mesmo tempo depende sempre do observador. Para Tuan, “Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época” (TUAN, 1980, p. 120).

Em alguns casos, esse sentimento pode gerar frases de efeito promocional, como os chamados “cognomes de cidades”, que visam exclusivamente à promoção da imagem dessas localidades, o que se constitui num bem imaterial. É destacado que o orgulho cívico e a concorrência econômica estão muitas vezes associados com o objetivo de criar rótulos para a cidade (cognomes ou epítetos), que visam transmitir uma ideia do que a cidade tem de especial. Esse promocionismo, segundo o autor, “pretende criar uma imagem favorável e pouco respeita a complexidade da verdade. Mas a imagem, para ser eficaz, deve ter algum fundamento nos fatos. Um traço forte representa a personalidade toda” (TUAN, 1980, p. 232-236).

A elaboração de como a Amazônia é vista e percebida nos dias atuais ainda está impregnada de conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores da civilização europeia. É por meio das narrativas dos conquistadores europeus que as imagens são percebidas até os dias de hoje. Ugarte esclarece que “Muitas vezes, essas imagens mentais eram transformadas em imagens formais, isto é, em gravuras, feitas por especialistas, que ilustravam folhetins, livros e mapas” (UGARTE, 2003, p. 4).

Segundo Ugarte (2003), foi durante o processo de conquista colonial que a Amazônia tornou-se uma das “margens” do chamado Novo Mundo. O autor enfatiza que, diferentemente de outros locais do planeta, como o Vale Mexicano ou os Andes Centrais, que, de margens, se tornaram centros do mundo colonial, a Amazônia continua a ser considerada uma margem ainda nos dias de hoje. O autor pontua que não houve efetiva ocupação dessa área durante todo o século XIV. Na verdade, ocorreram incursões esparsas, uma vez que não existiam

nessa região estabelecimentos coloniais europeus. Para o autor, essa análise da Amazônia, colocada em situação marginal, remete à visão do colonizador.

O autor exemplifica como era feita a representação do espaço amazônico no início da colonização. São citados alguns mapas elaborados por cartógrafos nos quais o Rio Amazonas era representado na forma de uma gigantesca serpente. No mapa produzido pelo cartógrafo italiano Sebastião Caboto, em 1544, cinco cidades que não existiam são representadas: “[...] vemos cinco cidades inexistentes à época (três na margem esquerda, e duas na direita). Sebastião Caboto representou a partir do que fora relatado por Orellana, uma alegoria do combate entre os espanhóis e as amazonas” (UGARTE, 2003, p. 15).

Outro desbravador da Amazônia no século XIV que elaborou um mapa figurativo da região foi Diogo Homem. Esse cartógrafo, segundo Ugarte (2003), também fez um mapa indicando cidades inexistentes, o Rio Amazonas é registrado como um Mar de Águas Doces e cenas do cotidiano amazônico, como um ajuntamento indígena, aparecem nessa representação simbólica. A reprodução do Rio Amazonas é novamente imaginada como se fosse uma serpente.

Na revisão das visões/representações dos mitos mais significativos sobre a Amazônia, Steinbrenner (2007) contextualiza que, desde a conquista do chamado novo mundo até os dias atuais, está a do Eldorado. Essa lenda que remonta a colonização seria sobre uma cidade com todas as construções em ouro maciço, com tesouros extraordinários e que atraiu viajantes no século XVI. No século XIX, essa lenda compeliu os naturalistas a cruzarem o oceano e adentrarem-se na Amazônia. Posteriormente, esse mito do Eldorado ressurgiu no ciclo da borracha através da migração em massa dos nordestinos no final do século XIX. Novamente, como reedição desse mito, ocorreram os garimpos e as posses de terras nas décadas de 1970 e 1980.

Manuel Diegues Júnior¹ observa que, pelas marcas deixadas pelos portugueses e pelo cristianismo, a Amazônia, durante a colonização, pode ser caracterizada como área luso-cristã. O autor observa que a Amazônia foi denominada pelo sociólogo Gilberto Freire como sendo luso-tropical, conciliando o seu elemento étnico fundamental (português) e a condição geográfica do ambiente em que ela se disseminou. Ele comenta que a penetração na

¹O humanista Manuel Diegues Júnior: nascido em Maceió, Alagoas, onde realizou os seus estudos do primário e secundário e posteriormente Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife. Durante a sua estada em Recife, ao realizar o curso de Direito, pesquisou com Gilberto Freyre, nas áreas de Sociologia e Antropologia Cultural. Profissionalmente atuou no exercício de cargos públicos. Tendo atuado também como Diretor de Programas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil. Foi, também, professor da Antropologia Cultural e Etnográfica do Brasil na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (DIEGUES JÚNIOR, 1960, p. 4).

Amazônia portuguesa começou no século XVII, com o colonizador defrontando-se com outra natureza/paisagem da faixa marítima e interior do nordeste brasileiro. Nessas paragens, os elementos que dominam são a floresta úmida e água, em grande proporção. O autor destaca as impressões díspares de alguns desbravadores da época acerca da Amazônia.

A ocupação efetiva da Amazônia ocorreu principalmente a partir da década de 1970 em função do avanço da fronteira da agropecuária, do desenvolvimento das técnicas e do conhecimento científico. Na época em que o livro de Manuel Diegues Júnior foi escrito, início da década de 1960, muitos dos mitos sobre a ocupação da Amazônia permaneciam.

Os estudos sobre a paisagem das cidades ribeirinhas da Amazônia normalmente são elaborados com base na descrição. O autor destaca que essa descrição vai sendo elaborada de acordo com aproximação das embarcações, pois é propiciado um verdadeiro quadro, cujo limite está entre o rio e o céu, envolta por vegetação verde-escuro. Na configuração dessas cidades, comumente existe uma rua principal, em geral paralela ao rio. Nessa rua localizam-se os principais equipamentos urbanos. O rio ao mesmo tempo estabelece limite e faz parte da cidade. Na confluência entre o rio e a cidade, ocorre a beira, que é uma área visceral para os moradores, local de chegada, partida, comércio e de interação social. “Nela e a partir dela dispõe, de forma aparentemente caótica, um conjunto de objetos espaciais/geográficos, como armazéns, comércios, portos, feira, trapiches e barcos, estes últimos, de tipos, cores e tamanhos variados” (TRINDADE JÚNIOR et al., 2008, p. 35-36).

Os equipamentos mais comuns nessas cidades geralmente são a prefeitura, igrejas, câmara de vereadores, escolas, postos de saúde, feira. Esses equipamentos ou estão na rua principal, ou nas proximidades. Cabe salientar que geralmente a igreja está localizada em uma praça central em frente ao rio, situação tão comum em outras paragens brasileiras. As antenas das empresas de telefonia constituem-se em outro elemento incorporado devido à inserção dessas cidades no avanço das redes técnicas proporcionadas pelo capitalismo. Em função das distâncias e situação viária, não é comum a presença de carros. Os meios de transporte mais comuns são as motos e as bicicletas. Nas ruas, geralmente de chão batido, circulam os moto-táxis, um serviço muito peculiar da região que é muito dependente do “humor” do tempo amazônico, tanto no verão quanto pro inverno (TRINDADE JÚNIOR et al., 2008, p. 36).

Para Gonçalves (2001), a Amazônia sempre tem sua imagem vinculada à floresta, aos rios, à violência e ao desmatamento, embora já seja fundamentalmente urbana. Conforme pode ser constatado pelo Censo do IBGE na década de 2000, mais de 70% dos seus habitantes já estão residindo em cidades. Essa urbanização foi fruto do modelo agrário de colonização na década de 1970, gestado pelo governo central, e de um modelo industrial na forma de enclave

que atraiu muitos mais empregou poucos. Nesse contexto, cabe destacar a importância das duas metrópoles amazônicas: Belém e Manaus. Em relação à urbanização de Manaus, Ab'Sáber, no seu livro “Amazônia do Discurso à Práxis”, caracteriza a importância da sua localização estratégica em relação às margens do Rio Negro.

Pode-se afirmar que o imaginário sobre a paisagem da Amazônia ainda está muito impregnado pelos relatos e descrições do período da colonização europeia. Esse espaço é plural em sua essência, sabe-se das transformações/ocupação do seu território ocorrida principalmente a partir da década de 1970. Mas existem marcas e matrizes (índios, vegetação, a cidade de Manaus, água etc.) que ainda guardam feições anteriores à ocupação mais intensa.

A imagem é uma representação do real que torna presente uma ausência. Impõe-se no lugar do real, representando algo e se colocando no lugar desse mesmo algo. A representação da paisagem amazônica é um fenômeno que propicia que ela se torne presente em muitas imagens: florestas, índios, biodiversidade, rios. A presença desse universo é percebida a partir de um discurso que se coloca imageticamente no lugar da própria paisagem.

No livro de Roger Chartier “À Beira da Falésia: a História entre Certezas e Inquietudes”, há uma conceituação que serve de embasamento para a discussão sobre a representação da Amazônia, visto que é uma temática constantemente presente na mídia, de forma idealizada, sempre enfocando o ambiente natural e a sua destruição, a biodiversidade e as chamadas populações tradicionais. Poucas pessoas no Brasil e no mundo efetivamente conhecem essa realidade.

Representações simbolizam algo, são dimensões reflexivas que podem ser ao mesmo tempo opacidades enunciativas, pré-concepções. Exemplificam essa opacidade enunciativa muitas das representações que a mídia continua a reverberar, de forma negativa, incompleta: pulmão do mundo, lugar exótico, potencial de exploração, sem civilização, dentre outros; o que nos remete à formulação:

“Um dos modelos dentre os mais operatórios para explorar o funcionamento da representação moderna – quer seja linguística ou visual – é o que propõe a consideração da dupla dimensão de seu dispositivo: dimensão ‘transitiva’ ou transparente do enunciado, toda representação representa alguma coisa; dimensão ‘reflexiva’ ou opacidade enunciativa, toda representação apresenta-se representando alguma coisa” (CHARTIER apud MARIN, 1989, p.166-67).

A opacidade enunciativa está impregnada de configurações ideológicas, culturais e políticas. Existe um modo de produção de leitura da paisagem produzida pela mídia. Isso não quer dizer que não possa existir modos de produção e de leitura de paisagem local que interajam de forma contestatória.

Existe uma Amazônia diversa das imagens construídas desde fora e, ao mesmo tempo, persiste uma Amazônia “exótica” que aguça o interesse do mundo e da mídia, em busca de “paraísos terrestres”. Nesse cenário midiático, a televisão tem um papel muito importante, por seu alcance e recursos técnicos, que muitas vezes transformam a realidade em espetáculo visual.

Dutra (2009) constata que os programas televisivos que têm a Amazônia como foco continuam retratando-a como um lugar parado no tempo, uma área de vazio humano, abundante em recursos naturais, mas habitada por populações locais que não seriam capazes de gerir os recursos naturais e dar, a estes, uma racionalidade econômica.

A mídia exógena continua construindo as representações sobre a região, onde as populações locais são retratadas como “diferentes, exóticos e só em virtude desses pré-construídos tornam-se frequentes nas pautas da mídia”. Constata que esse “exotismo” ocorre pelo fato de a sua linguagem ser diferenciada em relação à dos produtores midiáticos, além de serem percebidos, pelo discurso hegemônico da mídia, “como grupos humanos congelados no tempo, espécie de seres estranhos ao mundo contemporâneo” (DUTRA, 2009, p. 23).

Comenta, igualmente, que o exotismo construído na época da colonização continua presente nos programas televisivos, de forma fragmentada e através de um discurso multifacetado sobre os significados da ecologia, em visões generalizadoras e estereotipadas sobre a região. Muitas vezes, são designações que demonstram extensão: Amazônia Clássica, Amazônia Legal, Amazônia Internacional. Esse tipo de visão tende sempre a ser homogeneizadora, simplificando realidades complexas. Dutra salienta que existem diversas visões sobre a Amazônia que envolvem múltiplos agentes e distintas escalas.

Segundo Bueno (2002), algumas das expressões que estiveram ligadas aos primórdios do contato com a Amazônia voltam a estar em voga, ganhando novos significados. “Eldorado” e “Paraíso” são duas delas. A primeira estaria ligada às atividades econômicas que desbravaram as entranhas da Amazônia nas décadas de 1960 e 70 do século passado numa reinserção da economia da região no cenário nacional após décadas de ostracismo. A noção de Paraíso remete às atividades turísticas alternativas em locais que aparentemente teriam uma natureza intocada e que são diferenciadas do turismo de massa, que causa saturação, visto que, apesar de vastas áreas terem sido inseridas na dinâmica nacional, existem muitas outras praticamente intactas tanto em ocupação como em conhecimento.

O discurso midiático atual sobre a região amazônica continua com dois enfoques principais, que seriam o vazio demográfico e a abundância de recursos naturais. Ao questionar por que a região amazônica é tão importante para o Brasil e o mundo, Dutra

constata que, quanto maior é o avanço científico sobre a sua biodiversidade e os seus usos científicos práticos, maior é “o número e complexidade de espécies animais e vegetais e ecossistemas relevantes não só para o futuro do Brasil, mas para o futuro do planeta como um todo” (DUTRA, 2009, p. 157). O futuro técnico-científico da humanidade passa pela Amazônia.

Dutra (2009) salienta que a Amazônia estaria deixando a condição de estoque de recursos disponíveis para, em função da sua biodiversidade, tornar-se necessária para a manutenção da humanidade, seja pelo equilíbrio ecológico do planeta ou pela utilização dos seus recursos genéticos para os mais diversos fins. Ressalta que essa mudança no discurso da mídia inclui elementos de outros campos científicos, dentre os quais economia, política, geopolítica, relações internas e internacionais.

Apesar de todo conhecimento e levantamentos científicos existentes sobre a Amazônia nos dias de hoje, ainda prepondera uma percepção de homogeneidade em relação à sua paisagem. Situação herdada das descrições dos naturalistas, dentre os quais estão La Condamine, Spix e Martius, Euclides da Cunha e Alberto Rangel, mesmo que “viajantes, ao descreverem suas impressões a partir dos rios, ainda tinham a oportunidade de, num segundo olhar, numa observação mais cuidadosa, perceber que essa homogeneidade é apenas aparente” (BUENO, 2002).

Para Bueno (2002), o conhecimento científico com o viés geográfico torna-se presente nas representações sobre a Amazônia brasileira em meados do século XX. Isso ocorreu graças às políticas integracionistas para a região, a partir do governo Vargas, com a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no governo JK e nos governos militares. Ela pontua, a partir dos governos listados anteriormente, que a Geografia passa a ter um papel fundamental não apenas na organização do conhecimento sobre a Amazônia brasileira, mas, sobretudo, na construção de um discurso oficial que vai determinar o modo de os brasileiros enxergarem a região. Nos programas escolares, especialmente nos de Geografia, o Estado também se encarregará de construir a visão oficial.

A autora constata que o interesse pela Amazônia é variável de acordo com os períodos e o interesse dos governos, sempre com um viés econômico e geopolítico. Na década de 1950, devido às políticas desenvolvimentistas propostas para a região pelo governo brasileiro, aumentou o interesse dos meios de comunicação por essa região. Já na década de 1960, com os governos militares, essa área do Brasil passa a ter importância para o discurso de segurança nacional e da prática geopolítica do Estado brasileiro. Políticas públicas para a ocupação, proteção e desenvolvimento dessa região são a tônica. A delimitação de uma Amazônia Legal

(1966) e a criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) deram o suporte para investimentos na região. Essas políticas de Estado foram acompanhadas por propaganda oficial, e a divulgação pela mídia colocou a região como última fronteira a ser conquistada pelo Brasil. Imagens de derrubada da floresta, grandes projetos mineralógicos e colonização por brasileiros de outras regiões foram aspectos retratados como sinônimo de desenvolvimento. A visão exógena domina completamente os relatos midiáticos do período.

Num levantamento feito entre as décadas de 1970 e 2000, por Bueno (2002), em reportagens de manchete de primeira página, ou edições especiais da Revista Veja, uma das mais importantes do Brasil, a autora constatou que o discurso sobre a temática amazônica prioriza o ambiente natural, populações indígenas e a ocupação e a destruição do bioma. Na abordagem da temática populacional, as populações indígenas são tratadas de forma estereotipada. Durante a década de 1980, o discurso ambientalista entrou com força na pauta da mídia. A preservação da natureza e a defesa dos povos tradicionais fizeram com que a Amazônia voltasse à ordem do dia. A mídia, através dos seus diversos meios, tem o poder de criar e refletir as diversas visões da sociedade. As imagens criam um imaginário sobre a região baseados em generalizações. A autora indaga se a veiculação massiva de tais imagens contribui para o conhecimento da região e sua problemática. Muitas vezes, imagens semelhantes são acompanhadas de textos com conteúdos em acordo com os interesses da conjuntura (BUENO, 2002, p. 139).

Para Steinbrenner (2007), a produção do conhecimento sobre a Amazônia sempre esteve ligada à construção de mitos que ora revelam a sua realidade, ora ocultam muitas realidades. A autora destaca a utilização do mito para descrever essa área como uma ferramenta simplificadora e estratégica a partir de uma visão externa, que em última instância trata do uso dos recursos.

Campos discursivos disputam a representação e a produção de sentido sobre a Amazônia – o científico, o político e o midiático. O viés comum produzido por esses três campos discursivos coloca a questão ambiental como principal, esquecendo muitas vezes dos indivíduos. Omite também que a maioria de seus vinte e dois milhões de habitantes vive e sofre as agruras de uma urbanização desordenada. Enfatiza que muitas cidades amazônicas têm índices de saneamento piores do que muitos países africanos. Para Steinbrenner (2007), pode-se dizer que a Amazônia urbana é omitida nas representações.

Como seria possível revelar uma Amazônia além do mito, suprimindo as leituras superficiais do senso comum, rumo à construção de um novo imaginário sobre a região, mais multifacetado, mais realístico, uma vez que a Amazônia pode ser natureza, campo e cidade

unidos em diversas simbioses? Para que uma interpretação mais complexa e mais condizente com a realidade amazônica surja, Steinbrenner enfatiza que os discursos midiáticos abalizados pelos campos científicos devem formar uma nova representação social sobre a região.

A centralidade ambiental é o cerne da representação social e o intenso processo de urbanização quase nunca é representado no imaginário criado pela mídia. No texto de Steinbrenner é destacado que, desde a inserção da Amazônia na História da humanidade, a sua descrição é permeada por uma aura mítica, tanto nos textos quanto nas imagens. A autora salienta que mitificar a realidade não significa meramente criar ilusões sobre ela, ou que a sua criação esteja baseada apenas em erros, mas, fundamentalmente, reduzir a complexidade a alguns traços reconhecidos como verdadeiros, num processo de simplificação que corresponde a uma esterilidade na medida em que apaga a diversidade na figura homogênea produzida pela repetição de representações reducionistas. A esterilidade configurada através do mito propicia a simplificação dos conteúdos, por isso a sua fácil inserção no imaginário popular e a dificuldade de superação (STEINBRENNER, 2007, p. 6).

Após os períodos citados anteriormente, a autora observa que surge, na década de 90, uma nova visão do mito ligado agora à sustentabilidade do planeta e à preservação da sustentabilidade. É frisado, com base em Becker (2004), que, com a globalização, houve uma valorização da natureza como um capital que pode ser utilizado no presente ou ficar como reserva para o futuro, e como fonte de poder para quem decifrá-la via ciência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia representa a Amazônia com uma visão mitológica e exótica da natureza. Essa construção do imaginário amazônico é muito eficaz quanto ao seu poder de ser facilmente “compreendida”, e termina por influenciar outras instâncias que se dedicam a formar opinião do que venha a ser a Amazônia. Sendo assim, é possível afirmar que na atualidade a temática ambiental, baseada em mitos, está inserida em quase todos os setores da mídia quando a Amazônia é enfocada. Para a mídia, a destruição ou preservação da natureza/biodiversidade continua sendo a marca/propaganda/símbolo máximo da Amazônia.

Essa centralidade do discurso ambiental, apesar de representar muito do que seja Amazônia, termina se dissociando de uma realidade social, visto que a maior parte da sua população vive em áreas urbanas, quase sempre degradadas. A urbanização mais recente da Amazônia, com os seus diversos problemas sociais, pouco faz parte do mosaico das representações.

Finalizando, é possível afirmar que a representação que a mídia brasileira transmite sobre a Amazônia não propicia que os receptores dessas mensagens tenham informações mais criteriosas sobre as realidades dessa extensa porção do Brasil, visto que as mensagens veiculadas acerca da Amazônia reduzem-se à ênfase posta sobre a natureza: paisagem homogênea, paraíso terrestre, vazio demográfico, reservatório de água, fonte de biodiversidade e pulmão do mundo. Há uma construção de imaginário que continua a perpetuar-se. Os meios de comunicação espriam diariamente o noticiário com informações baseadas em estereótipos que privilegiam o ambiente natural em detrimento das populações. Muitas vezes, as populações ditas tradicionais são ainda representadas como meramente parte da paisagem.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. D. B. Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia). In: TRINDADE JÚNIOR, Sant-Clair Cordeiro; SILVA, Marcos Alexandre Pimentel; LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- BECKER, B. K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BUENO, M. F. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**, 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia – Universidade de São Paulo), São Paulo, 2002.
- CHARTIER, R. A história entre narrativa e conhecimento. In: **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade /UFRGS, 2002.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.
- DIEGUES JÚNIOR, M. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960. v. 2.
- DUTRA, M. S. **A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.
- FERREIRA, A. M. M. SALATI, Enéas. Forças de transformação do ecossistema amazônico. In: **Estudos avançados: dossiê Amazônia brasileira II**, v. 19. n. 54, maio-ago. São Paulo: USP, 2005.
- Gonçalves, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

LÉVY, P. **A conexão planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

MARIN, L. **Opacité de la Peinture**: essais sur la représentation au quattrocento. Paris: Usher, 1989.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.

STEINBRENNER, R. A. “Amazônia” na fronteira entre a ciência e a mídia: submissão ou superação do mito? In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Santos. **Anais XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, 2007.

TAVARES, M. G. C. (Org.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008.

TRINDADE JÚNIOR, S. C.; SILVA, M. A. P.; LÉVY, P. **A conexão planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

TUAN, Y. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

UGARTE, A. S. Margens míticas: a Amazônia no imaginário. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio Santos Gomes (Org.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.